

A MÍDIA E A LITURGIA POLÍTICA DOS CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA EM 1989, 1994 E 2002

Olga Tavares

Resumo: Sob a perspectiva da Semiótica Discursiva, este estudo se propõe a traçar um inventário da ritualística do poder, tais como gestual, expressão facial, postura, comportamento. Este texto se concentrará no programa gestual de Fernando Collor, Fernando Henrique Cardoso e Luis Inácio Lula da Silva. Fotografias compõem o corpus da análise da identidade visual dos sujeitos-políticos, que recorre à "fotograficidade" (Floch) para descobrir o percurso da significação do objeto de estudo. As manifestações gestuais mais recorrentes dos três candidatos são: os dedos em "V" de Collor, a mão espalmada de FHC e o "L" de Lula.

Palavras-chave: Semiótica discursiva - Eleições presidenciais - Comunicação política.

Abstract: Sob a perspectiva da Semiótica Discursiva, este estudo se propõe a traçar um inventário da ritualística do poder, tais como gestual, expressão facial, postura, comportamento. Este texto se concentrará no programa gestual de Fernando Collor, Fernando Henrique Cardoso e Luis Inácio Lula da Silva. Fotografias compõem o corpus da análise da identidade visual dos sujeitos-políticos, que recorre à "fotograficidade" (Floch) para descobrir o percurso da significação do objeto de estudo. As manifestações gestuais mais recorrentes dos três candidatos são: os dedos em "V" de Collor, a mão espalmada de FHC e o "L" de Lula.

Key words: Discursive semiotic-Presidential elections-Political communication.

Resumen: Bajo la perspectiva de la Semiótica Discursiva, este estudio se propone trazar un inventario de la ritualística del poder, tales como el gestual, la expresión facial, la postura, el comportamiento. Se apuntará en el programa gestual de Fernando Collor, Fernando Henrique Cardoso y Luis Inácio Lula da Silva. Fotografías componen el corpus del análisis de la identidad visual de los sujetos-políticos, que recurre a la "fotograficidad" (Floch) para descubrir el percurso de la significación del objeto de estudio. Las manifestaciones gestuales más recurrentes de los tres candidatos son: los dedos en "V" de Collor, la mano abierta de FHC y el "L" de Lula.

Palabras clave: Semiótica discursiva - Elecciones presidenciales - comunicación política.

Introdução

A proposta deste estudo é dar continuidade às pesquisas que venho desenvolvendo na pós-graduação quanto à análise da construção do espetáculo político e toda a sua ritualística sob a perspectiva da Semiótica Discursiva. Num primeiro momento, analisei toda a trajetória do ex-presidente Fernando Collor - campanha, governo e impedimento (Tavares, 1998 e 1999). Paralelamente, foram feitos alguns trabalhos também sobre Fernando Henrique Cardoso, cotejando as campanhas e o governo deste e de Collor (Tavares, 1996).¹ Neste momento, objetiva-se incluir o percurso político de Luis Inácio Lula da Silva e, assim, traçar um inventário do discurso do espetáculo e da ritualística do poder no Brasil nas eleições de 1989, 1994 e 2002. Por enquanto, o que se intenta é apresentar os primeiros passos deste estudo que deve contemplar, no seu desenvolvimento, todo o conjunto das liturgias políticas, tais como gestual (este primeiro estudo), expressão facial, postura, comportamento e os elementos que merecem destaque nas práticas cotidianas (como vestuário, por exemplo).

O discurso do espetáculo político se encontra e evolui em um contexto de comunicação midiática que lhe confirma, dá sustentação e amplia. A mídia como prática discursiva permite, então, que os inventários do cotidiano político tenham visibilidade numa dimensão simbólica que possibilita a produção de sentidos que a construção desses textos procura desvendar. Como destaca Lash (1979, p. 21), a mídia reforça o "culto à celebridade".² Os rituais políticos são os que mais chamam atenção. Na posse do presidente Luis Inácio Lula da Silva, a mídia nacional fez questão de destacar cada protocolo quebrado e o noticiário subsequente tem se detido bastante nessa questão. As aparições dos sujeitos públicos têm sempre um aspecto grandiloquente, pois suas performances tomam dimensões às vezes míticas, às vezes artísticas, e sempre demandam um foco de atenção visual, principalmente. Cada sujeito político tem um inventário de apresentações ritualísticas que se transformam, no dia a dia, em metonímias ritualís-

¹TAVARES, O. *O discurso visual de Fernando Collor e Fernando Henrique nas campanhas de 89 e 94, respectivamente*. 4º. Congresso de Semiótica Visual, PUC-SP, ago 1996.

_____. *Fernando Collor - o discurso messiânico*. São Paulo: Annablume, 1998.

_____. *Fernando Collor: o discurso visual - ascensão e queda*. *Tese de Doutorado*, PUC-SP, 1999. (www.comidia.ufrn.br/olgatavares)

²LASH, C. *The culture of narcissism*. Nova Iorque: Norton, 1979.

³ GREIMAS, A . J. *Sobre o sentido*. Petrópolis: Vozes, 1975.

SCHECHNER, R. *Performance theory*. Nova Iorque e Londres: Routledge, 1988.

ticas que se introduzem nas expectativas do leitor-platéia e que reforçam o êxito da performance contextualizada do político-ator, com seu texto gestual (Greimas, 1975) e suas máscaras (*target emotions*, do Paul Ekman, in Schechner, 1988, p.263).³

A análise do texto gestual parte da concepção da gestualidade como uma dimensão semiótica da cultura que visa especialmente à produção dos enunciados gestuais, segundo Greimas (1975). Esse autor (p. 58) atenta para um inventário de atividades corporais que se relacionam ao texto gestual. Essa "prática gestual" sugere ocupar-se do próprio homem enquanto corpo, "considerando-o primeiramente como uma certa figura do mundo, e em seguida como um mecanismo complexo reunindo, graças a sua mobilidade, as condições necessárias para a produção de traços diferenciais do significante, a partir dos quais pode surgir a significação" (Greimas, 1975, p. 59). A prática gestual remete-se a um código emissor que contém o código da expressão e o código do conteúdo, cuja significação submerge do interior de um contexto cultural. Para Greimas (1975, p. 81), a "semiosis de um programa gestual será consequentemente a relação entre uma seqüência de figuras gestuais, consideradas como significantes, e o projeto gestual, considerado como significado", o que vai permitir determinar as variantes gestuais elementares na produção de sentido da gestualidade política. As práticas significantes do programa gestual são analisadas a fim de apresentar um registro desses gestos tão inerentemente atados à ritualística cotidiana dos sujeitos-políticos para que se descubra a construção de uma política visual que assegure, efetivamente, o sucesso da visibilidade do candidato e/ou governante, bem como definir-se a fala da imagem e como ela o faz. Essa narração em imagem traz a descrição de todos os seus elementos significantes que apelam ao sentido e que vão revelar os seus significados. De certa forma, é uma análise de uma identidade visual que vai ser bem distinta tanto em Fernando Collor, como em Fernando Henrique Cardoso e como em Luis Inácio Lula da Silva. Essa identidade visual vai mostrar uma i-

⁴ FLOCH, J. M. *Petites mythologies de l'oeil e de l'esprit*. Paris-Amsterdam: Hadés-Benjamins, 1985.

_____ *Les formes de l'empreinte*. Périgueux: Falac, 1986.

_____ *Identités visuelles*. Paris: PUF.

⁵ RECTOR, M. & TRINTA, A. R. *Comunicação do corpo*. São Paulo: Ática, 1990.

⁶ RIVIÈRE, C. *Les liturgies politiques*. Paris: PUF, 1988.

identificação instantânea com a própria imagem do sujeito-político, esse captado como um todo de significação, e com os elementos mais recorrentes que lhe atrelam e que podem ser chamadas suas imagens de marca. No caso de Fernando Collor, juventude e intrepidez; no caso de Fernando Henrique Cardoso, maturidade e inteligência; e, no caso de Luis Inácio Lula da Silva, persistência e autenticidade. No programa gestual, o corpo, na sua qualidade de significante, é tratado como uma configuração, haja vista ele possibilitar descobrir as verdadeiras qualidades que instituem a estética de marca do sujeito-político (Floch, 1985).⁴ Para um estudo semiótico, segundo Rector e Trinta (1990, p. 17), "os gestos expressivos são signos porque constituem unidades de expressão que relacionam uma forma de manifestação (signo-veículo), a alguma coisa (signo-objeto) e provocam uma ação (signo-interpretante).⁵ Logicamente, essa manifestação gestual faz parte do conjunto de comunicação política; por isso, para Greimas (1975, p. 70), ela se apresenta como uma "gestualidade mimética" e "gestualidade programada" (p. 75), tais como as que serão analisadas aqui: os dedos em V de Collor, as mãos espalmadas de FHC e o L de Lula.

O espetáculo político que se pretende analisar nos estudos que aqui se iniciam e que terão continuidade em outros textos, atém-se particularmente às questões da liturgia política no tocante às manifestações públicas ritualizadas dos sujeitos-políticos e que lhe conferem uma certa aura de mitificação porque reforçam atos repetitivos e solenes, da ordem do verbal ou do gestual ou do postural, com forte carga simbólica, e que são constantemente cultivados (Rivière, 1988).⁶ Na análise feita sobre os discursos de campanha de Collor (Tavares, 1988), buscou-se estudar expressões metonímicas ritualísticas como "Minha gente!" ou "Agora, chegou a nossa vez". Apesar da afirmação constante dos próprios meios de que o Brasil é um país mais liberal, avesso aos protocolos etc., tem-se um histórico de rituais políticos muito próprios e tradicionais que constituem o inventário das liturgias da política nacional. Com a

posse do presidente Luis Inácio Lula da Silva se abre uma discussão ainda insipiente, um pouco maniqueísta e talvez preconceituosa, de que os rituais políticos terão nova apresentação. Confirmando-se ou não, as discussões tendo mais vigor etc., esse estudo pretende, no seu desenvolvimento, refletir sobre essas questões dentro do conjunto dos outros sujeitos-políticos estudados. No momento, mostra-se, em nível semiótico, que a ritualística gestual dos três sujeitos-políticos apresentam semelhanças e diferenças básicas; contudo, a ritualística de Lula é a que vai estabelecer uma identidade visual efetivamente vinculada ao personagem e que vai, igualmente, confirmar a sua imagem de marca, pois o seu programa gestual é a letra do seu próprio nome, é o que o identifica perante o coletivo e o diferencia dos outros políticos que repetem gestos já famosos ou recuperam outros polissêmicos. De acordo com Rivière (1988, p. 17), as liturgias políticas contribuem para instituir uma nova ordem. Elas imprimem novas ações da vida cotidiana do sujeito-político. A identidade visual de Lula parece instituir um novo movimento político que não passa pelas clássicas acepções do estado-espetáculo, da fabricação do rei e afins, mas sob uma dinâmica mais peculiar, onde se privilegia a naturalidade, a autenticidade, a originalidade. Elimina-se o "midiagênico" (Schwartzberg, 1978), o *star system* (Sennet, 1988).⁷ Contudo, remete à recuperação de uma sacralização coletiva em termos de carisma, que deve ser analisada também no tocante ao personalismo: Lula tem marca gestual própria. De qualquer forma, ver-se-á, nos estudos que se pretende desenvolver, todas essas configurações figurativas e temáticas que se abrigam nos textos jornalísticos que completarão essas primeiras inferências.

⁷ SCHWARTZENBERG, R. *O estado espetáculo*. Rio de Janeiro-São Paulo: Difel, 1978.
SENNET, R. *O declínio do homem público*. SP: Cia. das Letras, 1988.

A mídia impressa brasileira tem um acervo significativo de fotos e textos dos principais fatos da política nacional e é ela que eterniza as novas configurações do poder e as explora mais amplamente. Grande parte desse acervo se detém no cenário político, na espetacularização do Estado e no

⁸SONTAG, S. *Ensaio sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

poder simbólico dos ritos palacianos, minimizando as distâncias entre o público e o privado, entre o sujeito-político e o sujeito-povo. As fotografias – nosso *corpus* inicial – exploram muito bem esses ritos de solenidade e/ou de frugalidade e acabam integrando o mundo privado ao público. Susan Sontag (1981, p. 11) diz que as fotos nivelam “a significação de qualquer acontecimento; é como participar da mortalidade, vulnerabilidade e mutabilidade de uma pessoa (ou objeto)”.⁸ As fotografias constroem uma configuração figurativa e uma temática da cada sujeito-político e elas fazem parte da produção e dos efeitos de sentido do espetáculo político. Pode-se remeter às fotos de Fernando Collor em cima de *jet skis* ou correndo com camisas-*slogans*; Fernando Henrique lendo em sua biblioteca ou recebendo títulos *honoris causa*; e Lula nos sertões do país ou jogando futebol e fazendo churrascos.

⁹GREIMAS, A.J. & LANDOWSKI, E. *Análise do discurso em ciências sociais*. São Paulo: Global Universitária, 1986.

Sob o ponto de vista semiótico, a análise dirigir-se-á ao “produto final” (Greimas e Landowski, 1986, p.16), que são as fotografias, delimitação que prescinde de traços analisáveis como o fotógrafo, a ideologia do meio etc.⁹ Algumas vezes, recorre-se ao texto verbal que dá suporte à fotografia, já que são seus planos de expressão “acabados” (idem). Este estudo contempla a “fotograficidade”, que Floch (1986, p.12) apresenta como as formas significantes, os sistemas de relações, que fazem da fotografia um objeto de sentido. Partindo dessa premissa, estuda-se os textos fotográficos de modo a perceber como ele se organiza para significar, como é o percurso da sua significação, como ele concilia possíveis oposições. O que se objetiva descobrir é como a fotografia representa um tipo de discurso particular sob a perspectiva semiótica de uma teoria geral do discurso e como ela se constrói, como é feita, e onde se apóia a sua leitura figurativa. Para Dubois (1988, p. 62), “*la vision est une construction*”, o que possibilita se fazer uma reflexão das condições de produção de sentido da visibilidade em estudo nas fotografias que, por si mesmas, têm uma dimensão cognitiva (fazer-criar).¹⁰

¹⁰DUBOIS, P. *Rhétoriques du corps*. Bruxelas: De Boeck-Weswael, 1988.



VEJA. 16/01/1991.
ISTOÉ. 28/09/1994.



CARTA CAPITAL. 23/10/2002.

¹¹LANDOWSKI, E. *A sociedade refletida*. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.
BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

Em 1989, a mídia foi "um espaço onde o imaginário simbólico eleitoral teve o maior significado na construção da significação daquele processo político" (Tavares, 1998): 29 anos sem eleições, uma hiperinflação e uma expectativa popular de redenção. Os sujeitos-políticos tiveram, então, um grau significativo nas "condições de visibilidade" (Landowski, 1992) que deram sentido ao espetáculo político. Benjamin (1993, p. 165)¹¹ coloca que "as técni-

cas de reprodução da imagem superexpõem os políticos, que passam a ser objetos de exibição moldados conforme as próprias exigências do momento político". O percurso narrativo da campanha de Fernando Collor ateu-se a aspectos míticos que resgatavam heróis salvacionistas e hércules modernos. Seu código figurativo era sustentado pelo tema da Modernidade, do Novo (Projeto "Brasil Novo"), e o identificava com a juventude, intrepidez, coragem, independência. O código gestual de Collor era geralmente rígido, tenso, severo, quando estava em palanque. Contudo, ao adotar os dedos em "V", imitando Winston Churchill, que consagrou o gesto na 2ª. Grande Guerra, o ex-presidente mantinha postura relaxada e expressões faciais tranquilas; muitas vezes, sorria. Ao nível da enunciação, as fotografias que o focalizavam com os dedos em "V" sempre mostravam um sujeito-político verticalizado, como se estivesse em ascensão, de baixo para cima, o que o fazia parecer mais alto ou em um plano superior; o fundo geralmente era preto ou era o céu, dando uma idéia de horizonte sem fim, de amplitude, o que dimensionava favoravelmente o candidato. Em nível de enunciado, Collor estava só, na maioria das fotografias em que ele aparece com os dedos em "V". O discurso fotográfico enfatizava a figurativização e a tematização que reforçavam a identidade visual de Collor. Greimas (1987, p. 78) salienta que "a figuratividade não é um simples ornamento das coisas, ela é a tela do parecer cuja virtude consiste em entreabrir, graças ou por causa de sua imperfeição, como que uma possibilidade do além-sentido".¹² A composição gestual de Collor foi muito destacada pela mídia impressa especialmente, bem como os elementos mítico-religiosos que ele resgatou, retomando rituais do poder, como subir a rampa do Palácio do Planalto nos seus expedientes de trabalho (Tavares, 1999). O repertório simbólico de Collor era vasto e seu programa gestual atendia exatamente ao conjunto de modalidades que o qualificava para a conquista do poder, e se identificava com os traços visuais aos quais o sujeito-político se investiu, como juventude, exibicionismo, dinamismo. A sua gestuali-

¹² GREIMAS, A. J. *De l'imperfection*. Paris: Pierre Fanlac, 1987.

dade ritual (Greimas e Landowski, 1986) se repetia sobremaneira, com algumas variações: punhos cerrados, braços acima da cabeça, e os dedos em "V" – que se tornou a mais constante, pois igualmente confirmava-lhe a competência modal do fazer-criar. Collor explorou muito bem a comunicação do corpo, da qual o gesto é um "signo elementar" (Rector & Trinta, 1990, p.17). O gesto da vitória, mesmo enquanto candidato, conferia-lhe a certeza de que seria o vencedor e, assim, transmitia esse sentimento ao seu público-eleitor. Havia ainda a relação com um político vencedor, W. Churchill, que resistiu a Hitler e retomou a soberania britânica. A sua gestualidade operava no sentido do convencimento, da sedução. Há sempre os traços de segurança, confiança e positividade na sua performance gestual.

Em 1994, a figurativização de Fernando Henrique Cardoso apresentava os seguintes traços sêmicos: eficácia política, seriedade pública, maturidade, credibilidade. A temática permanecia a mesma: Modernidade. O investimento mítico também foi semelhante ("salvador da pátria"): FHC era o "Pai do Real" e saiu pelo país autografando cédulas da nova moeda. Obviamente os sujeitos-políticos são completamente distintos. O que se ressalta aqui é a investitura de liturgias políticas que reforçam o cargo e dão legitimidade ao candidato/presidente. Na semana que precedeu a eleição, FHC deu uma entrevista à revista *ISTOÉ* (28/9/1994), na qual declarava: "Você precisa criar um mito e contar a mesma história repetindo quem é bom e quem é ruim. No nosso caso, a moeda. O que é mau? A inflação. O que é bom? A estabilização. E foi o que nós fizemos. Vira e mexe eu ataco de volta o mito principal. O Real é bom, a inflação é má".

A identidade gestual de Fernando Henrique consistia especialmente da mão espalmada acima da sua cabeça ou no mesmo nível dela, cujo significado era a promessa de cumprir os cinco projetos mais importantes do seu Governo, como Educação, Saúde, Habitação, Transporte e Agricultura. O programa gestual do ex-presidente ainda tinha dedos em "V", acenos, mas sempre num conjunto que o identi-

ficava com sua imagem de marca: calmo, professoral, paciente, como se estivesse acima do Bem e do Mal. FHC é um sujeito do saber-fazer, está apto para a aquisição do objeto-valor Presidência da República. Em nível de enunciação, tem-se um sujeito-político calmo, benevolente, simpático sem ser expansivo. Em nível de enunciado, FHC está em situações comuns (saindo de um carro; no meio de um grupo de correligionários), numa tranqüila comodidade, mesmo se rodeado por pares. A sua gestualidade operava no sentido da confirmação, do êxito. Apesar de permitir alguma interpretação polissêmica, como o gesto de "adeus" ou de "Páre!", isso jamais foi aventado porque o sujeito-político era isento de críticas ou de possíveis dubiedades. FHC já havia criado a moeda forte, por que não deixaria de cumprir suas metas de campanha?

Em 2002, "o país de Lula é, sobretudo, o do luxo do voto como última posse da democracia política, que veio para ficar. [...] A campanha petista ofereceu às elites a partilha imediata dos símbolos de toda uma chegada ao poder de seus gentios, estranhos à ordem" (Mendes, 2002, p. 215).¹³ Fez-se uma ruptura política: o povo se rendeu ao candidato-operário que ele havia rejeitado por três vezes. A mídia enfatizou esta questão em muitas manchetes e o presidente a frisou no seu discurso de posse, em 1º./1/2003: "O dia do reencontro do Brasil consigo mesmo".

A identidade gestual de Luis Inácio Lula da Silva, os dedos em "L", foi idéia de um amigo do ABC, logo incorporada na primeira campanha à Presidência, em 1989. É um programa visual atípico porque é uma marca bem pessoal, pois também se identifica com o nome do sujeito-político, além de ter sido incorporada pelo seu público-eleitor, que o recebia com o mesmo gesto (eram todos Lula? ou eram todos como o Lula? ou todos se sentiam Lula?). A revista *Carta Capital*, de 23/10/2002, tem como capa a foto de Lula com os dedos em "L" e a bandeira brasileira como fundo. A legenda diz: "Lula exclusivo: o povo vai votar com consciência e não com medo".

A metonímica gestual já agrega a si a "ges-

¹³MENDES, C. *Lula: a opção mais que o voto*. Rio de Janeiro: Garamont, 2002.

tualidade mítica" abordada por Greimas (1975) e que confere ao presidente Lula uma marca própria. É o primeiro programa gestual que difere dos programas dos outros governantes e que apresenta ainda as características mais marcantes do sujeito-político: originalidade, autenticidade, criatividade. No tocante à incorporação pelo público-eleitor, é outro diferencial que fornece elementos de sacralização coletiva e que retoma, em novas bases, o carisma coletivo (Durkheim) que, agora, está num plano horizontalizado, no qual sujeito-político e sujeito-eleitor estão no mesmo nível. Sem a conotação weberiana, volta-se para a etimologia da palavra *charisma*=dom. Enterra-se a filosofia do "homem superior" nietzschiano, do herói solitário que luta pelos desvalidos. A "vontade do poder" (Nietzsche) não é da exclusividade de um sujeito, mas de uma vontade coletiva. Estabelece-se um modelo de emoção política semelhante, de mão dupla, sem igual no cenário político nacional. A sua gestualidade opera no sentido da interação, do encontro dos Silvas – metonímica do povo. Há uma fotografia da revista *Veja*, 12/10/1994, que, em nível de enunciação, apresenta Lula exatamente no meio de crianças e jovens do povo, sorridente, tranqüilo, à vontade. Em nível de enunciado, geralmente Lula está fazendo parte de um conjunto, tem pessoas ao redor, há uma idéia de um coletivo. Na sua posse, o seu *slogan* gestual foi repetido por ele (nos percursos na Esplanada: na ida ao Congresso e já com a faixa presidencial); por Duda Mendonça, responsável pela campanha eleitoral; e até por Fidel Castro.

Ao mesmo tempo, a marca gestual de Lula pode sugerir-lhe um caráter personalístico, dos carismáticos tradicionais que se deificam no cargo. Contudo, sabe-se que estes, historicamente, controlam o povo pelo medo (Nero, Hitler, Stalin, Kim Jong II).

Suassuna e Novaes (1994, p.77) afirmam que "houve, sem dúvida, uma mudança de porte no universo político brasileiro" com a candidatura FHC; contudo, não houve mudança, efetivamente. FHC era o candidato do Governo.¹⁴ Houve uma mudança estrutural, sim, na passagem do governo FHC para o

¹⁴ SUASSUNA, L. & NOVAES, L.A. *Como Fernando Henrique foi eleito presidente*. São Paulo: Contexto, 1994.

¹⁵ BOBBIO, N. & all. *Dicionário de política*. Tradução: João Ferreira et all. 2ª. ed. Brasília:EdUnB, 1986.

governo Lula. Não se tira o mérito daquele no quesito fortalecimento da democracia; no entanto, a esse atribui-se algo muito maior e ainda não totalmente detectado que a História há de trazer à baila, principalmente porque a nossa História não tem similar no mundo, como preconizava Ricardo Galuppo (*Veja*, 16/1/1991), que atribuía às nossas elites “uma auto-reprodução [...] com uma capacidade de sobrevivência que a torna uma curiosidade ecológica”. Ou quem sabe o surgimento de um novo tipo de mito político que o 3º. milênio vai incorporar às práticas políticas do Brasil e que se oporá àquele definido por Bobbio (1986).¹⁵ Ao menos, mudou-se o modelo de herói e isso é especialmente importante no imaginário simbólico nacional; então, essa pesquisa terá muitos desdobramentos em relação à construção (e re-construção?) do discurso da mídia relativo às liturgias políticas, à mitificação do governante, à simbologia do poder.

¹⁶ RIBAS, O . Imagem vale tudo no jogo de aparências das campanhas eleitorais, *Revista Problemas Brasileiros*, fev/mar 2002.

Nas campanhas de 1989 e 1994, de acordo com as fotografias, há uma identidade visual no percurso figurativo e temático dos dois candidatos. O que os diferencia são as marcas discursivas no valor significante (físico, idade, estilo). A mídia impressa, como sujeito semiótico, contribuiu para a produção de sentido das identidades visuais relacionadas aos sujeitos-políticos, privilegiando um ou outro na figuratividade que mais lhe adequasse à época. A técnica da *photo opportunity* (Ribas, 2002) foi usada sem reservas e com retorno favorável aos dois sujeitos-políticos.¹⁶ Isso não ocorreu na construção da figurativização de Lula, em 2002, que explorou traços imagéticos que o desqualificavam: fotos tiradas de cima para baixo, suado, raivoso, sufocado pelo povo (e não, aclamado); e, apesar de alguns textos fotográficos que destacavam o “Lula light” – de terno e gravata, sorridente, o tom sempre foi carregado de alguma ironia e carga pejorativa. Os dois primeiros candidatos eram sujeitos-operadores do seu espetáculo político, estavam no nível modal do “querer-ser-visto”. Por esse tratamento, a mídia impressa privilegiou, particularmente, o programa gestual de Collor e de Fernando Henrique, elevando suas ações

sempre ao *status* de rituais políticos à medida que se detinha nessa construção imagética da ritualização dos comportamentos cotidianos.

Os gestos que esses sujeitos-políticos incorporaram à sua imagem política "equivalem a slogans não-verbais, provocando forte emoção e induzindo ao pronto desencadeamento de uma ação". (Rector & Trinta, 1990, p. 25)

Os programas gestuais de 1989, 1994 e 2002 foram construídos como símbolos portadores de sentido, comportando, cada um, o seu próprio valor simbólico que se identificava com a imagem de marca dos sujeitos-políticos e lhe conferia significação. Os movimentos significantes da gestualidade de cada sujeito-político compõem o seu inventário comunicacional, que apresenta distintas variantes - intensidade, emotividade etc. É interessante destacar que a identidade gestual de Fernando Collor se assemelha à de Luis Inácio Lula da Silva quanto ao traço "emoção", enquanto que a de Fernando Henrique Cardoso tem o traço "razão". Tem-se, então, emoção (1989) - razão (1994) - emoção (2002).

FERNANDO COLLOR	FERNANDO HENRIQUE	LUIS INÁCIO LULA
MODERNIDADE	MODERNIDADE	REALIDADE
INTREPIDEZ	TRANQUILIDADE	SIMPLICIDADE
CONVENCIMENTO	CREDIBILIDADE	AUTENTICIDADE
JUVENTUDE	MATURIDADE	MATURIDADE
SALVAÇÃO	SALVAÇÃO	INTEGRAÇÃO

Outra bibliografia

- BOURDIEU, P. *Um art moyen*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1965.
DONDIS, D. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
FONTANILLE, J. *Sémiotique du visible*. Paris: PUF, 1995.
MENDES, C. *Collor - anos luz, anos zero*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
PORTO, M. A imagem e a expressão de valores políticos: sugestões para a pesquisa sobre TV. *Textos*, Salvador, dez. 37/38, 1997.